

A ORIGINALIDADE DO PENSAMENTO DE MANOEL BOMFIM: A QUESTÃO RACIAL EM PERSPECTIVA – BRASIL (1900-1910)*

Ruth Cavalcante Neiva**

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre como o problema da raça foi pensado por Manoel Bomfim no contexto da primeira década do século XX no Brasil. A fonte principal deste estudo é a obra *América Latina: males de origem*, em que são discutidos quais eram os objetivos, as hipóteses e as soluções propostas pelo intelectual para os problemas da sociedade brasileira do começo do século passado. Apresentar-se-á de maneira mais pormenorizada uma análise sobre o posicionamento de Bomfim em relação a teoria da “superioridade” e da “inferioridade” entre as raças, destacando os aspectos de originalidade e também as limitações de seu pensamento.

Palavras-chave: Manoel Bomfim; Raça; Nação.

Abstract: This article has as its goal to make a reflection about how the problem of race was thought by Manoel Bomfim in the context of the first decade of the 20th century in Brazil. The main source of this article is the work *América Latina: males de origem*, which discusses about what were the objectives, the hypothesis and the proposed solutions proposed by the intellectual to the problems of the Brazilian society of the beginning of the last century. A detailed analysis is presented on Bomfim’s position about the theory of “superiority” and “inferiority among races, highlighting the aspects of originality as well as the limitations of his thoughts.

Keywords: Manoel Bomfim; Race; Nation.

63

* Artigo submetido à avaliação em 15 de novembro de 2016 e aprovado para publicação em 21 de dezembro de 2016.

** Doutoranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES. Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada *A questão racial pensada entre o “método científico” e a paixão: um estudo comparado entre José Ingenieros e Manoel Bomfim – Argentina e Brasil (1900-1920)*, defendida no ano de 2015. E-mail: donaruth26@hotmail.com.

Manoel Bomfim nasceu em Aracaju no ano de 1868 e era filho de Paulino José, um rico comerciante e proprietário rural. De acordo com Alves Filho (2013), por volta de 1890 o sergipano concluiu o curso de Medicina no estado do Rio de Janeiro, mas, poucos anos depois, abandonou o ofício de médico e abraçou o magistério como profissão, ocupando, ao longo da vida, vários cargos administrativos na área da educação, além de atuar como professor de Instrução Moral e Cívica. Por volta de 1907, elegeu-se como Deputado Federal pelo estado de Sergipe e dedicou-se, principalmente, à luta pela ampliação do ensino fundamental, médio e superior no Brasil.

Bomfim teve uma produção intelectual extensa e diversificada, escrevendo artigos sobre os mais variados temas para jornais e revistas, uma vez que a sua ampla bagagem cultural o permitia discorrer com bastante fluência sobre assuntos que giravam em torno da Sociologia, da Medicina, da Psicologia, da Pedagogia, da História, da Zoologia, da Botânica, da Língua Portuguesa etc. Além disso, produziu vários livros didáticos voltados para o uso das escolas primárias e obras literárias direcionadas para o público infantil. Ainda publicou trabalhos substanciais, podendo-se citar: *Lições de pedagogia* (1902); *Através do Brasil*, escrito em parceria com Olavo Bilac (1910); *O respeito à criança* (1906); *Noções de psicologia* (1916); *Pensar e dizer - estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923); *Educação e cultura do povo brasileiro* (1932); e uma trilogia dedicada à reflexão da formação da nacionalidade brasileira, composta pelas obras *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931).

Entre o final do século XIX e o começo do século XX, a identidade nacional, não só a do Brasil, mas também das demais repúblicas latino-americanas, era pensada a partir de categorias do Evolucionismo – inspiradas nas obras de Spencer e de Darwin – e do determinismo racial e climático – influenciado pelas ideias de Gobineau. Segundo Costa Filho, (2013) este foi um contexto em que a intelectualidade brasileira se apropriou muito das “teorias científicas” advindas da Europa para compreender a formação da sociedade local e a como transformar o Brasil em uma nação próspera e livre. Todavia, o modelo de identidade nacional lançado pela Geração de 1870 - que se fundamentava nos critérios de raça e de meio geográfico – acabou por desenvolver nos brasileiros um sentimento de desagrado pela própria identidade, afinal o país estava localizado em uma zona tropical e era habitado por indivíduos considerados “inferiores”, como os negros, os índios e os mestiços. Nesta perspectiva, a identidade nacional acabou sendo construída sob uma base negativa, despertando o sentimento de inferioridade e de incompletude entre os brasileiros.

De 1870 até aproximadamente 1930, em geral, a sociedade nacional foi interpretada de maneira orgânica em que os problemas nacionais foram refletidos sob o prisma de fatores como raça e meio. Assim, a elite política e letrada assimilou:

As teorias positivistas, evolucionistas e deterministas na elaboração das interpretações sobre o Brasil, em busca da identidade do país. Juntamente com as argumentações evolucionistas e do meio ambiente, surgia a concepção que mais influenciou o pensamento da intelligentsia brasileira, a vertente do determinismo racial denominada Darwinismo Social, que defendia a superioridade do homem branco em relação aos índios e negros. Momento de indefinição política num país mestiço, a elite configurava a identidade brasileira recorrendo às teorias do racismo científico para simplificar os problemas nacionais. Uma vez que as leis do determinismo racial seriam um dos parâmetros para avaliar o grau de progresso do país, a identidade nacional inevitavelmente passava pela questão da raça na configuração da brasilidade (COSTA FILHO, 2013, p. 243).

Desta forma, a visão evolucionista e linear da História, feita em estágios, em que os grupos humanos tendiam da barbárie à civilidade, além das noções do determinismo racial e do determinismo climático se tornaram um verdadeiro fetiche nas leituras sociais brasileiras e os "homens de ciência" como Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna buscaram identificar o que de fato seria o "povo" brasileiro a partir destes critérios. Além disto, a elite letrada e política buscou superar tudo aquilo que simbolizasse o "atraso" e construir a imagem de um "Brasil Moderno" a partir do uso do conhecimento científico.

Da mesma forma que os seus contemporâneos, Manoel Bomfim também compartilhou da "fé" no valor do conhecimento científico e na crença de que "leis objetivas" poderiam explicar o homem e a natureza. Porém, o que tornou o seu pensamento original foi o fato de ele promover rupturas ideológicas - defendendo que os índios, os negros e os mestiços não eram biologicamente inferiores aos homens brancos e argumentando que o clima tropical do Brasil não era um empecilho para o seu desenvolvimento. Ou seja, não foi o rigor teórico que diferenciou a produção bomfiniana em relação à dos seus contemporâneos, pois ele também foi um intelectual científicista. Contudo, ele assumiu uma perspectiva crítica, alegando que os conhecimentos das ciências estavam sendo manipulados para justificar a negação de direitos à um determinado setor da sociedade nacional. Pode-se refletir esta problemática a partir da análise da obra que é a fonte principal deste artigo, *América Latina: males de origem*.

América Latina: males de origem começou a ser escrita por Manoel Bomfim em 1903, na cidade de Paris, e foi publicada pela primeira vez no ano de 1905, pela Editora Francisco Alves, no Rio de Janeiro. No ano 2000, a Editora Nova Aguilar publicou uma

coleção de três volumes intitulada *Intérpretes do Brasil*. Esta coleção reuniu as obras mais impactantes e fundamentais para compreender a história do país e *América Latina: males de origem* foi incluída no primeiro volume desta coleção. Este artigo utilizou como fonte a publicação da *Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais*, do ano de 2008. Graças a este Centro, este trabalho bomfiniano foi disponibilizado na internet com acesso gratuito, tornando-se de domínio público.

O público alvo de *América Latina: males de origem* era o sul-americano e o objetivo deste trabalho de Manoel Bomfim era despertar o amor dos indivíduos ao solo pátrio, à natureza e, sobretudo, às gentes que viviam nos países da América Latina.

Toda a primeira parte deste livro foi uma grande crítica a como os povos da América do Sul estavam sendo desprezados e inferiorizados pelos Estados Unidos e pela Europa. Bomfim acreditava que o pior desta situação era que a população sul-americana estava internalizando este juízo condenatório e, em relação ao “mundo civilizado”, se sentia fraca e envergonhada. Contudo, o intelectual estabeleceu como objetivo da sua obra desconstruir os argumentos dos ideólogos que inferiorizavam a América do Sul. É importante ressaltar que Bomfim não negava que os latino-americanos eram mais atrasados do que os Estados Unidos e a Europa, todavia, este atraso não era uma consequência dos “diagnósticos” atribuídos pelas “nações civilizadas”, mas era tão somente resultado do Parasitismo¹ à qual os latino-americanos foram submetidos por séculos.

66

América Latina: males de origem foi uma obra que se assentou em três pilares fundamentais. O primeiro foi a sua severa crítica contra a suposta “neutralidade” dos ideólogos que utilizavam os conhecimentos das ciências para legitimar a inferiorização e a exploração dos povos da América Latina. Contudo, Bomfim não se afastou do paradigma científico e utilizou os próprios conhecimentos das ciências para refutar alguns sistemas ideológicos e científicos da sua época ao alegar que Charles Darwin nunca pretendeu que a lei da *Seleção Natural* se aplicasse à espécie humana.

O segundo e o mais importante pilar de *América Latina* foi a *Teoria do Parasitismo* formulada para buscar entender e justificar o motivo do “atraso” latino-americano em relação ao resto do mundo ocidental. Bomfim se voltou para o passado, para a história do Brasil para tentar encontrar as causas dos males da sua contemporaneidade. Afirmou que, assim como os organismos biológicos, os “organismos sociais” também poderiam ser vítimas de parasitismo. Alegou também que as antigas metrópoles ibéricas tiveram um passado glorioso, mas entraram em decadência quando assumiram uma atitude parasitária em relação às colônias da América, pois, para obter o máximo lucro, elas

¹ Termo que Bomfim retirou da zoologia para estabelecer uma correlação metafórica entre o organismo animal e os fenômenos sociais.

saquearam, mataram, trucidaram, escravizaram, exploraram e destruíram as tradições dos povos nativos da América. Durante mais de três séculos, Portugal e Espanha viveram como “carrapatos”, sugando insaciavelmente as “forças” das suas colônias.

Flora Sussekind e Roberto Ventura (1984) elaboraram uma excelente análise sobre a Teoria do Parasitismo a partir da reflexão das obras *América Latina; O Brasil na América* e o *Brasil Nação*. Observe como os autores interpretaram o pensamento de Bomfim em relação à questão do Parasitismo:

Se o Brasil em 1822 emancipa-se politicamente de Portugal, não chega, porém a se libertar do bragantismo, um dos “males de origem” que se mantém como ferrão. Concebido Portugal como organismo parasita, “metrópole carcereira”, “sanguessuga infectante”, “quisto”, “vírus de podridão”, “câncer em ulceração”, “purulência”, “contaminação”, “lesão”. Esta herança, o bragantismo e o parasitismo, constituiria, em suma, para empregarmos outra metáfora do autor, “infecção do organismo social brasileiro”. Falando da independência em *O Brasil na América*, mostra como a emancipação política afastou o parasita, deixando porém o ferrão: ‘Fomos independentes a modo do organismo do qual veio a cair o carrapato apodrecido, e que, nas carnes vivas deixou o dente; ou melhor - a modo do corpo ferido, donde caem as larvas quando as varejeiras já lá deixaram fartos ovos, para desenvolvida bicheira em novas gerações’. Sendo o parasitismo e sua herança metaforizados como elementos estranhos (varejeira, carrapato, crosta, ferrão) ao corpo da nação, sua análise atribui uma origem externa ao “mal”. Assim como varejeira e carrapato são elementos exteriores que se interiorizam por meio de ovos ou ferrões, também o parasitismo não se limita à relação colônia-metrópole, mas introduz-se nas relações sociais internas à nação explorada. De qualquer modo, dentro ou fora da nação, o parasita aparece caracterizado como algo externo. Não faz parte do corpo infectado, mas nele penetra por meio de infecção (SUSSEKIND; VENTURA, 1984, p. 37).

67

Segundo Bomfim, este regime parasitário influenciou no viver posterior das antigas colônias, mesmo com elas já emancipadas politicamente. Ou seja, na sua visão, os novos Estados que se formaram herdaram os mesmos vícios das “decrépitias metrópoles” e assumiram uma postura de parasitar o povo, deixando a população relegada à miséria e à ignorância. Observe, a partir das palavras de Bomfim, como o Estado parasitava o povo:

Não há mais nada: nem polícia, nem higiene, nem proteção ao fraco, nem garantias, nem escolas, nem obras de interesse público... nada que represente a ação benéfica e pacífica dos poderes públicos. O Estado existe para fazer o mal, exclusivamente, e esta feição, com que desde o primeiro momento se apresenta ele às novas sociedades, tem uma influência decisiva e funestíssima na vida posterior destas nacionalidades: O Estado é o inimigo, o opressor e o espoliador; a ele não se liga nenhuma ideia de bem ou de útil; só inspira ódio e desconfiança... Tal é a tradição; ainda hoje se notam estes sentimentos, porque, ainda hoje, ele não perdeu o seu caráter, duplamente maléfico – tirânico e espoliador (BOMFIM, 2008, p. 102).

E não foi apenas o Estado que herdou os vícios do parasitismo metropolitano, mas também o próprio povo, que assumiu uma verdadeira aversão ao trabalho produtivo; considerado como coisa vil e infamante. A mentalidade da maioria desejava explorar e parasitar os indivíduos que estavam em “um degrau” abaixo da sua escala social. Por esta razão, no caso do Brasil, mesmo depois de emancipado politicamente a “gente de bem” não quis trabalhar e continuou se aproveitando do trabalho escravo. Ou seja, o ato de parasitar o “mais fraco” era um vício das sociedades latino-americanas que se manifestava em todas as escalas sociais.

Os escritos sociológicos do intelectual foram marcados por uma grande desilusão e frustração em relação aos rumos políticos do Brasil e uma crítica constante contra o autoritarismo e “vilania” do Estado. Segundo Bomfim, o Estado herdou os vícios da Dinastia dos Bragança e era um inimigo da nação, sendo associado à exploração da riqueza nacional, à miséria social, à corrupção, ao autoritarismo, além de ser encarado como “o invasor, a antinacão, o espoliador, o parasita, o usurpador, o vírus que tomou conta do organismo saudável” (JEMORI, 2006, p. 142). Neste sentido, Bomfim estabeleceu uma contraposição entre a ideia de Estado e a ideia de Nação, em que o primeiro era o visto como o representante da opressão e da injustiça, ao passo que a segunda se remetia a noções de liberdade, de igualdade e de justiça. O Estado era o representante da manutenção do *status quo*, sendo um “parasita”, enquanto a Nação simbolizava os anseios por mudanças sociais, políticas e econômicas.

68

O terceiro pilar de *América Latina: males de origem* dizia respeito à importância da educação para superar os problemas derivados da política parasitária à qual os países latino-americanos foram submetidos. Bomfim afirmou que a sociedade brasileira era pobre, embrutecida e apática em virtude do seu passado recalcitrante, mas alegou que o caminho para o “progresso” era retirar o povo da sua ignorância. Assim, ele propôs como solução para os problemas derivados do *parasitismo* a necessidade da instrução popular massiva, considerada como o “remédio” contra o atraso do país. Para progredir e fazer parte do “mundo civilizado” era imprescindível à instrução da massa popular, uma vez que o intelectual interpretava que a difusão da instrução era o meio de “curar” os “males essenciais” da nação.

O primeiro trabalho feito para analisar o pensamento de Manoel Bomfim foi o estudo de Silvio Romero intitulado *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim*,² publicado em 1906. Romero criticou e ironizou muito a obra *A América Latina: males de origem*, de Bomfim, dizendo que “só a geral ignorância do mundo legente no Brasil pode explicar a atenção despertada por um livro tão mal feito, tão falso, tão cheio dos mais grosseiros erros” (ROMERO, 1906, p. 92). Para Bomfim, ser

² A ortografia da obra *A América Latina: Análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim* foi atualizada.

enxovalhado publicamente por um homem consagrado no meio intelectual brasileiro foi um tremendo golpe. Romero chamou o livro *América Latina: males de origem* de medonho e falso por esta obra ter criticado os mais célebres sábios da Europa como Le Bon e Gobineau. Sobre as críticas que Romero fez ao posicionamento de Manoel Bomfim ao defender a igualdade entre as raças, pode-se destacar:

A quinta e última parte do livro do dr. Bomfim é, sem dúvida, a mais extravagante de todo ele. Para tal privilégio, bastante é considerar ser aquela em que se contem a ciência antropológica e etnográfica do autor. É uma verdadeira comédia. Percebe-se facilmente ter sido, neste ponto o alvo principal do jovem médico – dizer mal, sistematicamente, dos brancos, principalmente espanhóis e portugueses, e exaltar os negros, índios e mestiços de todas as gradações. Bomfim bate-se pela unidade e igualdade completa, absoluta dos homens e das raças. Houve tempo em que essa patranha liberalizante era defendida em nome do dogmatismo cristão, em nome da teologia católica principalmente: éramos todos filhos de Deus, nosso senhor. Podia-se lá falar em desigualdade entre essa irmandade? Hoje defende-se a mesmíssima curiosa ilusão em nome do dogmatismo democrata, em nome do catecismo socialista. Bomfim é deste último partido (ROMERO, 1906, p. 203-204).

Romero acreditava que a desigualdade entre as raças era um fato assegurado pelos saberes da ciência e espezinhou o pensamento bomfiniano de todas as maneiras:

Nunca a doutrina da igualdade das raças teve um advogado tão desasado. Multiplica os adjetivos insultosos, julgando que basta este grosseiro expediente para dar ganho de causa ao seu socialismo colegial; finge argumentar com algum pobre espírito, que houvesse caído na patetice de fazer provir a desigualdade das raças do fato de agora, hoje em dia, estarem umas mais adiantadas do que outras, para se gabar de vitória, assoalha que a velha doutrina, por ele desastrosamente combatida, é uma invenção recentíssima do que atualmente se costuma chamar de pretensão imperialista, no claro intuito de desviar um debate meramente científico para o das paixões partidas da atualidade. Baldado esforço, porém! ... As diferenciações entre as raças humanas, a maior ou menor progressividade entre elas – não é coisa para ser apagada por motivos tão fúteis. É velha, é secular a doutrina, estribada nos mais imparciais e despreocupados estudos da pré-história e da história, da antropologia e da etnografia, com que a política nada tem a ver. São investigações sinceras, objetivas, meramente científicas em que tem tomado parte dos maiores espíritos e os mais profundos sábios. Boucher de Perthes, Lartet, Broca, Darwin, Martillet, Huxley, Topnard, Hackel, Wallace, Lyell, ao lado de Bopp, Pott, Ewald, Schleiner, Marx Muller, Renan, Ihering, e milhares de outros, todos à uma, biólogos, antropologistas, historiadores, linguistas, sociólogos – deparam essas diferenciações, sem a mínima preocupação pejorativa, política, religiosa ou de qualquer outra ordem (ROMERO, 1906, p. 2013-214).

69

Sobre a *Teoria do Parasitismo* de Bomfim, Romero argumenta que a teoria fundamental do livro *América Latina: males de origem* era totalmente desbaratada:

O que nele se pode chamar o esteio principal é a doutrina biológico-social do Parasitismo aplicada à colonização dos ibéricos na América. Em torno dessa desvirtuada premissa, rolam todos os capítulos da obra. A teoria ali não passa de uma desazada geringonça, sem base nos fatos, nomeadamente no exagero com que emprega o Sr. Bomfim (ROMERO, 1906, p. 38).

Silvio Romero foi o primeiro a chamar Bomfim de homem parcial, apaixonado, sem base científica, antilusitano e socialista; e o interessante é notar que a interpretação romeriana vigorou durante mais de meio século, pois os escassos estudos sobre Bomfim antes da década de 1980 seguiram esta linha interpretativa ao caracterizar a obra bomfiniana por seu antilusitanismo, subjetividade e socialismo.

Para Alves Filho (1990), as críticas de Romero contra Bomfim foram feitas porque Bomfim introduziu no campo intelectual brasileiro novas interpretações que desautorizavam e questionavam a “verdade científica” que vigorava naquela época. Nesta perspectiva, Romero representava “a defesa radical da “ortodoxia”, a oposição dos que dominam o campo intelectual que produzem e reproduzem o discurso verdadeiro” (ALVES FILHO, 1990, p. 53) contra as ideias subversivas daqueles que questionavam a “ordem científica”.³

70

Também, pode-se destacar que um aspecto muito comum aos estudos que se referem à Bomfim é a reflexão sobre o esquecimento das suas obras. O livro *O caráter nacional brasileiro*, de Dante Moreira Leite, publicado em 1968, dedicou algumas páginas a analisar a obra de Bomfim e já refletia sobre o esquecimento da produção do sergipano. Para Leite, a razão do ostracismo de Bomfim se deu pelo fato dele estar adiantado em relação aos intelectuais do seu tempo. Leite defendeu que os intelectuais do começo do século XX não compreendiam Bomfim porque tinham dificuldade de visualizar os equívocos das teorias racistas. Neste sentido, ele afirmou que “algumas de suas teses eram tão avançadas para a época, que só viriam a ser reencontradas algumas décadas depois” (LEITE, 1976, p. 255).

Leite classificou Bomfim como socialista, alegando que ele queria conciliar nacionalismo com socialismo, e criticou o intelectual sergipano por seu posicionamento

³ Também, é importante ressaltar que Romero é conhecido pela historiografia brasileira como um intelectual polemista. Ele acreditava na desigualdade biológica entre as raças e colocava os brancos no topo da hierarquia humana, mas aceitava a mestiçagem como um traço na formação da nacionalidade brasileira. Também, tinha a percepção de que a miscigenação não levaria o país à degeneração, ao contrário, ela contribuía para civilizar as “raças inferiores”, convertendo-se, portanto, em um instrumento civilizatório. Sílvio Romero não negava a condição mestiça de grande parte da população brasileira. Sendo assim; por que ele dirigiu tão duras críticas contra Bomfim? Primeiro é necessário ter em mente que, naquele contexto, era muito comum os intensos debates entre intelectuais na imprensa carioca e Romero tornou-se tão renomado e temido justamente por elaborar artigos sobre crítica literária, sociológica e filosófica. Ele era um “crítico profissional”. Assim, atacou duramente à Machado de Assis, José Veríssimo, Castro Alves entre outros “intelectuais de peso” com o intuito de gerar debates sobre as mais variadas questões. Os diversos artigos “alfinetando” Manoel Bomfim estão inseridos neste quadro do desejo de Romero de gerar polêmicas e pôr-se em evidência perante a opinião pública brasileira.

demasiadamente subjetivo e apaixonado, o que fez com que perdesse a sua "cientificidade". Ao pensar na tese do Parasitismo, em que Bomfim buscava explicar o atraso das nações latino-americanas, interpretou o posicionamento dele como antilusitano. Suas críticas podem ser demonstradas neste parágrafo abaixo:

O pensamento de Bomfim parece ter sofrido uma lenta maturação, mas somente em algumas páginas atinge o nível de generalidade e consistência lógica, necessárias para a visão sistemática de uma posição. Muitas vezes, em seus livros, perde-se em minúcias ou na demonstração de episódios pessoais; outras vezes, perde-se num antilusitanismo estéril, procurando demonstrar até que ponto os portugueses prejudicaram o Brasil. Espírito apaixonado – e por isto frequentemente parcial e incapaz de colocar-se na perspectiva histórica para julgar os homens e os acontecimentos do passado – Manoel Bomfim frequentemente deixa de dar ênfase à tese fundamental, ao apresentá-la de maneira sentimental e não objetiva (LEITE, 1976, p. 250-251).

Dante Moreira Leite interpretou a posição apaixonada de Manoel Bomfim como uma ação incompatível às dos "Homens da Ciência", pois na sua visão, o intelectual sergipano não sustentava sua argumentação nos mecanismos da objetividade, mas num ataque raivoso contra as antigas metrópoles. Todavia, é importante pensar que no final da década de 1960 e durante a década de 1970 se pensava a Sociologia e a História como uma Ciência e a crítica que Leite fez à Bomfim foi feita levando em consideração os paradigmas teóricos e metodológicos que eram dominantes em seu tempo e, por isto, existiu em sua análise uma grande valorização da objetividade. Atualmente, estes paradigmas já não são mais tão hegemônicos a ponto de condenar uma obra e a competência do autor que a escreveu, pois não são mais os parâmetros obrigatórios para determinar ou não a qualidade de um trabalho.

Sobre a lusofobia que Leite destacou no pensamento de Bomfim, deve-se levar em consideração que a obra *América Latina: males de origem* foi uma resposta aos escritos dos cientistas sociais, políticos, sociólogos e economistas da Europa e América Latina que escreviam concepções que depreciavam o homem latino-americano. Numa época em que se dizia que a América Latina era atrasada porque era habitada por povos racialmente inferiores, Bomfim produziu um contradiscurso em que os negros, índios e mestiços não eram biologicamente inferiores aos brancos, atacando, desta maneira, a Teoria de Superioridade e Inferioridade entre as raças. Contudo, ao rejeitar a tese da inferioridade biológica de certas raças, Bomfim viu-se numa situação extremamente complicada, pois se o atraso do continente americano não se devia aos cruzamentos entre diferentes raças, então porque será que a América Latina era tão atrasada em relação à Europa e aos Estados Unidos? Ele precisava explicar o motivo do atraso e, neste sentido, produziu a *Teoria do Parasitismo*, que alegava que o atraso das nações da América Latina se devia ao fato delas terem sido parasitadas durante mais

de trezentos anos por Portugal e Espanha, ou seja, o atraso não era por um fator racial, mas devido à política parasitária metropolitana a qual a região foi submetida. Para ele, a fraqueza das novas nações estava diretamente ligada ao seu passado colonial, isto é, os "males de origem" da América Latina estavam relacionados à sua formação histórica, a uma valorização de uma economia essencialmente agrícola e do uso "parasitário" do trabalho escravo. Portanto, pode-se dizer que as severas críticas de Bomfim contra as antigas metrópoles foram feitas porque ele precisava justificar o atraso das nações latino-americanas passando por uma explicação que não fosse a racial. Sua *Teoria do Parasitismo*, que culpa Portugal e Espanha pela carência e subdesenvolvimento latino-americano, foi extremamente original em sua época e não pode ser interpretada como tão somente lusofobia, como tentou demonstrar Leite, mas deve ser pensada como a busca de um caminho alternativo que não depreciasse as origens raciais do homem latino-americano.

Também, é importante destacar as interpretações dos fins dos anos 1990 e começo dos anos 2000 de Aluizio Alves Filho e Ronaldo Conde Aguiar em relação ao esquecimento das obras de Bomfim, pois estes estudiosos apresentaram ao público leitor uma série de razões que justificam o esquecimento da produção do intelectual brasileiro.

72

A obra *O rebelde esquecido*, de Aguiar, recebeu o prêmio da CNPq-ANPOCS de melhor tese de doutorado em 1999 e ajudou a colocar as obras de Bomfim em evidência nos círculos acadêmicos brasileiros. Atualmente, a "tese do esquecimento" de Alves Filho e Aguiar está ultrapassada, pois o sergipano é cada vez mais estudado em dissertações de mestrado e teses de doutorado. Manoel Bomfim não é mais um intelectual esquecido, pelo contrário, nos dias atuais é considerado pela historiografia brasileira como um importante intérprete da realidade do Brasil e suas especificidades. Todavia, como a "tese do esquecimento" teve imensa repercussão e ajudou a retirar Bomfim do ostracismo, é interessante demonstrar as peculiaridades desta linha interpretativa.

Alves Filho fez uma discussão interessante sobre os críticos do pensamento de Manoel Bomfim e criticou todos os intérpretes que alegaram que Bomfim estava "a frente do seu tempo". Sobre esta questão, ele criticou em especial Thomas Skidmore por, em seu livro *O preto e o branco*, ter visualizado o sociólogo sergipano como um homem à frente do seu tempo ao rejeitar a doutrina da diferença entre as raças; logo, Alves Filho questiona:

Será que para Skidmore não existe nenhuma relação entre o que uma pessoa escreve e a época em que ela vive? Entre as condições materiais de existência e as formas de pensar? Será que acredita que as ideias "brotam" na cabeça dos homens e que, portanto, independem das circunstâncias históricas? [...]

Essa crença de Skidmore – de que as ideias podem estar “fora do tempo” (Talvez imagine as de Bomfim soltas pelo espaço, rodopiando de um lado para o outro) - seria simplesmente estranha, mas não contraditória, se ele mesmo (Skidmore) não afirmasse poucas páginas depois: Manoel Bomfim invoca autoridades científicas de seu tempo – os antropologistas Zabrowski e Topinard, por exemplo, tinham divulgado comunicações que desacreditavam a definição científica do ariano (ALVES FILHO, 2013, p. 55)

Pode-se observar que Bomfim estava engajado com as discussões científicas de sua contemporaneidade e citava autoridades científicas de seu tempo e, portanto, concorda-se com a concepção de Alves Filho de que Bomfim não era um homem “à frente de seu tempo”, mas sim um crítico das teorias raciais da sua época.

Bomfim era formado em medicina e conhecia as teorias biológicas de sua contemporaneidade; logo, foi com base nelas que ele rejeitava as teorias raciais que eram vistas como justificativas para a espoliação colonial. Então, “não existe apenas uma teoria numa época, e sim várias teorias, todas intrinsecamente ligadas às ‘lutas de seu tempo’” (ALVES FILHO, 2013, p. 70). O intelectual brasileiro utilizava o conhecimento científico da sua contemporaneidade para fazer frente às alegações de superioridade e inferioridade das raças e, por isso, Alves Filho defendeu que imaginar as ideias de Bomfim como “soltas” e “à frente de seu tempo” corresponderia a desassociá-las da totalidade social que Bomfim era parte e produto.

Alves Filho destaca que Bomfim era um *Professor da Escola Normal* e não era protegido por agências legitimadoras, como as cátedras universitárias, mas mesmo assim publicou trabalhos que extrapolavam tudo aquilo que era autorizado pela “verdade científica” da época. Portanto, foi o próprio discurso de Bomfim de combate ao racismo e de defesa da educação popular que o levou a ser relegado ao ostracismo, uma vez que suas concepções de mundo não agradavam as elites dirigentes do Brasil que, conscientemente, procuram silenciar suas ideias.

A interpretação de Ronaldo Aguiar, por sua vez, acredita que o discurso de Manoel Bomfim foi esquecido pelo pensamento social brasileiro por uma série de circunstâncias, tais como:

Manoel Bomfim não aceitou determinadas regras e comportamentos do campo intelectual brasileiro, apesar de fazer parte dele. O sociólogo sergipano, por exemplo, recusou o convite de Machado de Assis para participar da fundação da Academia Brasileira de Letras, compondo o elenco dos quarenta primeiros “imortais”. [...] O constante desinteresse de Bomfim em vincular-se as “instituições legitimadoras” (Bourdieu) do campo intelectual impediu-o também, de usufruir o prestígio e o renome de pertencer a elas (AGUIAR, 2000, p. 510).

Outra razão para o esquecimento foi a recusa de Bomfim a polemizar com o crítico de seu pensamento, Sílvio Romero. Não polemizar com o seu contemporâneo

significou, na prática, não reafirmar suas ideias e pô-las em evidência no debate intelectual da época. A recusa em responder as críticas de Romero fez com que as ideias romerianas prevalecessem sobre as suas e, conseqüentemente, enfraquecesse o seu contradiscurso. Também, Aguiar salienta que o contradiscurso de Bomfim era uma verdadeira afronta às concepções das elites dominantes, pois a ideia de que existiam raças superiores e raças inferiores era uma noção dada como verdadeira na sociedade da época.

Outro motivo para o esquecimento consistia no estilo de escrita de Bomfim:

É possível argumentar que o próprio estilo literário de Bomfim, que Humberto de Campos chamou de "rude", dificultou ou atrapalhou, o acesso de leitores a sua obra, normalmente a trilogia sobre o Brasil. Bem verdade que Bomfim escreveu e reviu *O Brasil na América*, *O Brasil na História* e *O Brasil Nação* numa fase particularmente difícil e sofrida de sua vida, mas isso não impede de reconhecer os problemas de seu estilo (AGUIAR, 2000, p. 511).

74 Aguiar também aponta que o Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo, de 1937, não aceitou a republicação dos livros de Manoel Bomfim, pois o intelectual havia criticado a Revolução de 1930. Nesta perspectiva, "os jornais e as revistas receberam também a recomendação infame de não citar, ou pelo menos evitar o nome do sociólogo sergipano, nem fazer quaisquer referências aos seus livros, os quais por sinal, foram retirados das bibliotecas públicas" (AGUIAR, 2000, p. 513). Enfim, Aguiar e Alves Filho acreditam que foram vários os fatores que conduziram ao esquecimento de Bomfim e discorrer sobre eles é importante para apresentar aos leitores as peculiaridades desta linha interpretativa que foi tão importante para a divulgação e recuperação do pensamento bomfiniano.

Também, cabe destacar que quando os intérpretes dos anos 2000 analisam especificamente o tema racial, existe neles uma tendência generalizada de construir uma imagem positiva e heroicizada de Bomfim, atitude que acaba deslocando-o e desajustando-o da sua própria época. O que este artigo pretende fazer é colocar o discurso bomfiniano em seu devido lugar, isto é, inseri-lo dentro do panorama ideológico do começo do século XX e demonstrar que ele, por mais que tenha sido um pensador original, não estava ideologicamente tão afastado dos seus contemporâneos.

O discurso bomfiniano foi um rechaço às teorias racistas e uma resposta aos ideólogos que afirmavam que o atraso dos povos latino-americanos se devia a inferioridade racial da população. Todavia, Bomfim não conseguiu se desvencilhar dos preconceitos que eram comuns à sua época, pois acreditava que os índios e os negros eram povos "mais atrasados" do que os povos de "raça branca". É importante

ressaltar que ele não atribuía este atraso a fatores genéticos, mas creditava este subdesenvolvimento ao legado colonial que os explorou impiedosamente.

Bomfim foi um severo crítico da ideia de que os povos que ainda estavam na sua "infância" tinham inaptidão para o progresso, e por isto afirmou que índios e negros poderiam se "civilizar", desde que recebessem educação. Entretanto, sendo eles - segundo as palavras do autor - "primitivos", "quadros vazios", "rudimentares", "ignorantes de inteligência embrionária", seriam eles que se desenvolveriam sob a influência dos povos mais cultos e desenvolvidos. Observe abaixo que o sergipano afirmou que a influência moral e intelectual dos indígenas e dos negros africanos no caráter das populações latino-americanas era, na verdade, mais reduzido do que se pensava, pois:

Em primeiro lugar, os indígenas e os negros, sendo povos ainda muito atrasados, não possuíam nem qualidades, nem defeitos, nem virtudes, que se impusessem aos outros e provocassem a imitação. Almas rudimentares, naturezas quase virgens, eram eles que, nesse encontro e entrecruzamento de raças, sofriam a influência dos mais cultos, e os imitavam. Esses povos primitivos se distinguem justamente, por um conjunto de qualidades negativas – inconsistência de caráter, leviandade, imprevidência, indiferença pelo passado etc.; à proporção que progredem, a civilização irá enchendo estes quadros vazios. Vem daí a sua grande adaptabilidade a qualquer condição de vida (de vida, e não de morte – com essas que ofereciam aos negros e índios escravizados). Por isso, misturados a outros povos, a influência que exercem estas raças é uma influência antes renovadora que diretriz (BOMFIM, 2008, p. 184).

75

Para o intelectual, os negros exerceram pouca influência nas sociedades latino-americanas porque foram escravizados e obrigados a se adaptarem aos costumes dos povos brancos. A influência deles foi reduzida, mas não inexistente. Por exemplo, Bomfim afirmou que os latino-americanos herdaram dos africanos uma "certa afetividade passiva, uma dedicação morna, doce e instintiva, sem ruídos e sem expansões" (BOMFIM, 2008, p. 185). Percebe-se que estes aspectos atribuídos à herança dos africanos eram mais um defeito do que propriamente uma qualidade. Bomfim também atribuiu uma série de qualidades de cunho negativo aos negros, como, submissão incondicional, frouxidão da vontade e docilidade servil. Contudo, afirmou que estas características eram um "efeito colateral" da escravidão a qual foram submetidos. Estes atributos negativos que o sergipano atribuiu aos negros estavam em consonância com os valores sobre raça da sua contemporaneidade. Assim, existia uma tensão em seu pensamento em que, por um lado, via os negros como "almas rudimentares" e submissas, e, por outro, demonstrava grande admiração por eles, elogiando a sua capacidade de resistência:

Pensem na mísera condição destes desgraçados, que, jovens ainda, ignorantes de inteligência embrionária, são arrancados do seu meio natural e transportados

a granel, nos porões infectos, transportados por entre ferros e açoites, a um outro mundo, à escravidão desumana e implacável!... É como se, a nós, nos atirassem a lua!... Heroicos foram eles de resistir como resistiram. A história das revoltas dos negros nas Antilhas, a história de Palmares e dos quilombos ali estão para mostrar que não faltava, aos africanos e seus descendentes, nem bravura, nem vigor na resistência, nem amor à liberdade pessoal (BOMFIM, 2008, p. 186).

Pode-se também questionar as qualidades que Bomfim atribuía aos índios, caracterizando-os como indivíduos indolentes e desinteressados que tinham “um amor violento à liberdade, uma coragem física verdadeiramente notável e uma grande instabilidade intelectual, direi mesmo uma grande instabilidade de espírito” (BOMFIM, 2008, p. 186). Afirmou que o amor à liberdade deles era irrefletido e sem preocupação com a dignidade pessoal, era uma questão de necessidade orgânica, pois o índio não conseguia se adaptar à condição de besta e reagia contra os senhores. Sua coragem física foi considerada uma grande virtude orgânica, contudo, sua coragem “é feita, sobretudo, de uma quase absoluta indiferença pela dor física e pela morte – é a impassibilidade. Isto lhe tira ao heroísmo todo o brilhantismo” (BOMFIM, 2008, p. 187).

O discurso bomfiniano pregava pela igualdade biológica entre as raças. Todavia, o intelectual não pensava os grupos humanos como iguais, uma vez que ele os distinguia entre “atrasados” e “avançados”. Bomfim acreditava que os índios americanos e os negros africanos eram povos “menos desenvolvidos”, mas tinham capacidade de progresso. Assim, ele culpabilizou o branco europeu pelo estado de lástima em que estes povos se encontravam naquela época, alegando que o branco europeu, em sua perversão moral, egoísmo, torpeza, ganância e crueldade, “parasitou” as raças que se encontravam num estágio mais rudimentar de desenvolvimento, submetendo-as ao trabalho escravo e à exploração total. Esta ação foi muito prejudicial à mentalidade dos índios e dos negros, mas este “atraso”, provocado pelo parasitismo à qual foram submetidos, poderia ser corrigido através da educação. Por exemplo, observe abaixo como Bomfim estabeleceu uma conexão entre educação e desenvolvimento dos índios:

A instabilidade de espírito tão notável nesta raça é uma qualidade que se explica justamente pelo grau de evolução mental; o espírito ainda não amadurecido, não educado nos longos esforços da atenção e tenacidade. São móveis, instáveis como crianças, porque tem o espírito infantil. Tal qualidade, mesmo quando fora um defeito, é certamente corrigível pela educação. [...] Reconheçamos que estes defeitos todos são devidos à falta de educação social (BOMFIM, 2008, p. 188).

A educação social era vista pelo intelectual como um meio de fazer com que os povos da América Latina se desenvolvessem:

Acusam-nos, ainda, de indolentes, indisciplinados, imprevidentes, preguiçosos, defeitos que não são exclusivos dos mestiços, e pertencem ao geral das populações latinas da América. São defeitos mais de educação, devidos à ignorância em que vivem, ao abandono a que as condenam. Não trabalham porque não sabem trabalhar, não conhecem o valor do trabalho. [...] Agora, instruem-no, abram-lhe o espírito, façam-lhe nascer vontades novas, necessidades superiores, ele terá estímulo para trabalhar, e irá exercer inteligentemente a sua atividade (BOMFIM, 2008, p. 213).

Bomfim repudiou a teoria de Superioridade e Inferioridade entre as raças porque acreditava que todas elas, sem exceção, tinham capacidade de se desenvolver e progredir, alcançando no futuro, o mesmo patamar na escala evolutiva. Contudo, ele minimizou a influência "moral" e "intelectual" dos negros e dos índios nas sociedades latino-americanas afirmando que foram eles a se adaptarem a cultura dos mais desenvolvidos, pois eram sempre os "rudimentares" que sofriam a influência dos mais cultos e os imitavam, e não o contrário. Neste sentido, a mentalidade e a cultura das populações da América Latina foram herdadas na visão bomfiniana, sobretudo, dos ibéricos.

O pensamento de Bomfim não estava livre dos preconceitos da sua época, pois, embora ele não trabalhe utilizando os termos "raças superiores" e "raças inferiores", o seu texto utilizou a categoria "povos avançados" e "povos atrasados", distinguindo os povos a partir de parâmetros culturais.

Esta distinção entre "avançados" e "atrasados" não implicava em uma hierarquia imutável entre os povos, pois ele defendia que todos, sem exceção, poderiam se desenvolver. Ou seja, os "índios americanos", os "negros africanos" e os mestiços latino-americanos poderiam se tornar tão adiantados e civilizados quanto os europeus.

Sustentar este tipo de crença no Brasil na primeira década do século XX era algo muito original e pioneiro. Mas, por mais que Bomfim tenha elaborado um discurso muito progressista para os parâmetros da sua época, em vários aspectos ele também compartilhava das mesmas ideias dos homens de seu tempo. Assim como os seus contemporâneos, o intelectual também ajudou a endossar a ideia de barbárie e de atraso dos países latino americanos. Contudo, a originalidade do seu pensamento consistia em negar que esta situação fosse definitiva, pois ele "recusa-se a aceitar a existência de obstáculos intransponíveis, ligados às raças formadoras, à mestiçagem ou ao clima, como sustentavam vários intelectuais europeus de projeção" (BAGGIO, 1998, p. 107).

Desta forma, os índios e os negros eram vistos como povos "primitivos", mas que tinham plena capacidade de progredir e atingir um estado de civilização superior. Como se pode perceber, o discurso de Bomfim pregava a plena integração destes elementos à nacionalidade brasileira; contudo, para que eles fossem inseridos na sociedade moderna era necessário que os mesmos mudassem a sua mentalidade

e os seus “velhos hábitos”. Os seus costumes e sua diversidade cultural não foram valorizados pelo intelectual, que não aceitava que os índios e os negros pudessem permanecer do jeito que eles eram. Eles precisavam “progredir”!

Em sua visão, era uma responsabilidade do Estado prezar pela educação, não só destes elementos, mas de toda a população brasileira, pois a educação era vista por Bomfim como uma ferramenta fundamental para transformação dos povos “rudimentares” em seres mais civilizados. “Ensinem-lhe a trabalhar, inspirem-lhe desejos novos, mostrem-lhe que há gozos superiores – a conquistar pelo trabalho [...] e o caboclo aceitará e se habituará a trabalhar. Educado, no Paraguai, o indígena mostrou-se laborioso e disciplinado” (BOMFIM, 2008, p. 188). Assim, a educação era um instrumento que tornava os grupos humanos “desiguais” em grupos humanos “equivalentes”, uma vez que auxiliava aos índios, aos negros e aos mestiços a “elevarem” o seu nível cultural e se tornarem cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres políticos.

Outro aspecto interessante para se demarcar é o de que a *Teoria do Parasitismo*, por si só, era plenamente suficiente para explicar os males de origem e as causas da instabilidade política, econômica e social dos países latino-americanos em relação à Europa. Portanto, se as causas do atraso da América Latina eram históricas, não havia a necessidade de Bomfim atribuir um atraso cultural, de forma específica, aos índios e aos negros em relação aos povos europeus. Percebe-se que, quando o intelectual se deu ao trabalho de definir as “qualidades positivas” e “negativas” destes elementos e chegou à conclusão que eles eram atrasados, primitivos, rudimentares, infantis, etc., ele estava reproduzindo um discurso que era comum à sua época. E por esta razão, seu texto demonstrou preocupação em frisar a reduzida influência e importância destes elementos sobre a “essência da alma brasileira”.

O discurso de Bomfim não considerava a constituição orgânica dos índios, negros e mestiços como inferior e afirmava que eles tinham plena capacidade de progredir intelectualmente, moralmente e socialmente, e se tornarem tão avançados e civilizados quanto os europeus, desde que fossem instruídos. Mesmo considerando estes elementos como “seres atrasados”, o seu discurso construiu uma mensagem poderosa e original que reivindicava a inclusão social destas raças à nacionalidade brasileira no contexto da primeira década do século XX.

Referências

AGUIAR, R. **O rebelde esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

- ALVES FILHO, A. **Manoel Bomfim**: combate ao racismo, educação popular e democracia radical. São Paulo: Expressão popular, 2013.
- _____. **Os mecanismos de legitimação**: da aventura da construção à construção da aventura – uma análise comparativa entre José Ingenieros e Manoel Bomfim. Brasília: Universidade de Brasília, *mimeo*, 1990.
- BAGGIO, K. **A “outra” América**: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BOMFIM, M. **América latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas - Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM_A_America_Latina_Males_de_origem.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2014.
- COSTA FILHO, C. J. **No limiar das raças**: Sívio Romero (1870-1914). 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LEITE, D. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ROMÉRO, S. **A América Latina**: uma análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim. Porto: Imprensa Moderna, 1906.
- SKIDMORE, T. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.
- SUSSEKIND, F; VENTURA, R. **História e dependência**: cultura e sociedade em Manoel Bomfim. São Paulo: Moderna, 1984.
- UEMORI, C. **Explorando em campo minado**: a sinuosa trajetória intelectual de Manoel Bomfim em busca da identidade nacional. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.